Esta coluna contém informação e opinião

GPS DA ECONOMIA

Marta Sfredo
marta.sfredo@zerohora.com.br

com João Pedro Cecchini
joao.cecchini@zerohora.com.br

Se corte do juro for adiado, não será surpresa

A expectativa era de que o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) fizesse, amanhã, o primeiro corte no juro básico que assinalaria um ciclo de baixa. Seria o começo do fim do choque monetário iniciado em dezembro de 2024, depois de uma decolagem que havia levado o dólar acima de R$ 6. No meio do caminho, não havia só uma pedra: surgiu uma guerra que fechou a passagem pelo Estreito de Ormuz e levou o preço do petróleo para US$ 100.

O governo Lula anunciou medidas para evitar que o efeito da guerra chegue à "salada de alface". Conseguiu evitar passar toda a alta para os preços dos combustíveis, contendo o reajuste do diesel – que ainda depende de importação para abastecer o consumo interno –, em 11,6%. É pouco para a alta acumulada do petróleo ao redor de 40%, mas é o suficiente para levantar dúvida sobre a trajetória declinante da inflação, condição necessária para garantir o ciclo de baixa.

Quando escancarou a porta para o ciclo de baixa, o Copom usou estes termos: "O Comitê antevê, em se confirmando o cenário esperado, iniciar a flexibilização da política monetária em sua próxima reunião, porém reforça que manterá a restrição adequada para assegurar a convergência da inflação à meta". Essa frase foi escrita em 28 de janeiro, quando o petróleo estava em US$ 66,74. Ou seja, não se confirmou o cenário esperado.

Mudança drástica

Por isso, agora as expectativas sobre o resultado da reunião de quarta-feira mudaram de forma drástica. O corte de 0,50 ponto, antes considerado quase certo, virou aposta minoritária.

Passaram à frente as projeções de corte de 0,25 ponto e não se duvida nem de manutenção da taxa básica atual. No curto prazo, a estratégia do governo para em pé, com renúncia fiscal de R$ 30 bilhões para expectativa de receita ao redor de R$ 27 bilhões.

Caso o tráfego no Estreito de Ormuz fique bloqueado ao longo do ano, será difícil manter o mecanismo que atenua o tamanho do repasse da alta do petróleo ao consumidor final. Mesmo que o presidente dos EUA, Donald Trump, seja o principal interessado no fim da guerra, que aumenta a inflação de forma imediata para os americanos, suas decisões têm passado longe da racionalidade.

Ontem, o Relatório Focus do BC, que reúne as expectativas de uma centena de economistas, manteve a expectativa de Selic em 12,25% no final de 2026. É otimista, inclusive porque a projeção de IPCA subiu de 3,91% para 4,10% no final do ano. Contando a de amanhã, ainda há sete reuniões até dezembro. A um ritmo de corte de 0,5 ponto cada, seriam necessárias seis – uma com poda limitada a 0,25 ponto – para chegar lá.

01 Ameaça a aliados e barril de petróleo a US$ 100

AFP

Tráfego naval no entorno do Estreito de Ormuz caiu por ausência de segurança na passagem

Até agora, nada funcionou. Os bombardeios ao Irã entraram na terceira semana, a defesa do país foi considerada "destruída" pelos EUA, mas Donald Trump foi obrigado a recorrer à ameaça depois de ter seu pedido de ajuda a aliados para permitir a navegação pelo Estreito de Ormuz rejeitado por ao menos três países – Alemanha, Itália e Grécia – e recebido com frieza por outros aliados.

– Se não houver resposta ou se for negativa, acho que será muito ruim para o futuro da Otan – disse Trump, em entrevista ao Financial Times publicada na noite de domingo.

Mesmo que Trump use ameaças com a mesma naturalidade com que dá "bom dia", parece desespero. Sempre é bom lembrar que a passagem não é fechada por um portão ou outro obstáculo físico. Os navios não cruzam porque o Irã já atingiu alguns e pode danificar qualquer um, tornando inviáveis os seguros que cobrem essas embarcações.

Da operação no estreito depende o tamanho do impacto econômico da guerra.

Fechamento seletivo

Em entrevista a um canal americano no final de semana, o ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araghchi, sustentou que a passagem está livre para muitos países:

– Está fechado apenas para os petroleiros e navios pertencentes aos nossos inimigos, àqueles que nos atacam e aos seus aliados.

O secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, confirmou que mais petroleiros estão passando pelo Estreito de Ormuz. Bessent, apontado como o mais semelhante a um "adulto na sala" na atual configuração da Casa Branca, tentou dar aos EUA algum crédito:

– Os navios iranianos já estavam saindo, e deixamos isso acontecer para abastecer o resto do mundo. Vimos navios indianos saindo, acreditamos que alguns navios chineses também tenham passado.

Há uma citação muito antiga de que, em uma guerra, a primeira vítima é a verdade. No século em que as fake news se tornaram instrumento de disputa de poder, as narrativas precisam ser confrontadas com os fatos. E o fato é que o barril do petróleo segue acima de US$ 100.

02 O que não pode acontecer com a delação de Vorcaro

A maioria das especulações passou a se focar sobre o que pode ocorrer agora que a delação premiada de Daniel Vorcaro se tornou mais provável.

A mudança na equipe de advogados converteu até o mais renitente negacionista da hipótese, mas é preciso considerar também o que não pode acontecer como possível resultado desse movimento.

Especula-se que o novo time de defesa ambiciona uma redução de pena de até dois terços do total, no mais que esperado caso de condenação, ou até perdão total. Se a sentença tiver várias décadas, a redução seria até negociável, se for efetiva. Mas dados os estragos provocados por Vorcaro, especialmente para os pagadores de impostos, ele não pode sair desse enredo com poucos anos de cárcere.

Para se tornar razoável, é preciso que dê informações realmente novas. E garantir que eventuais revelações não sejam apenas produto de vendetta ("vingança", para manter a nomenclatura mafiosa que parece se adequar ao caso). Outra condição essencial é recuperar ao menos parte das perdas provocadas pela atuação de Vorcaro aos cofres públicos.

03 Dólar volta a se aproximar de R$ 5,20 e bolsa sobe

O mercado financeiro absorveu ontem parte do risco que dominou os investidores na última sexta-feira. O dólar caiu 1,6%, para R$ 5,229, enquanto o principal índice da bolsa de valores brasileira (B3), o Ibovespa, subiu 1,25%, para 179,8 mil pontos.

Na sexta-feira, houve forte alta dos juros futuros. A alta do petróleo, que se mantém na casa dos US$ 100, fez o mercado recalibrar as apostas de Selic na reunião de amanhã do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC). Como investidores estavam posicionados para poda maior, os juros futuros foram afetados.

Segundo o economista-chefe da Monte Bravo, Luciano Costa, a intervenção do Tesouro no mercado de títulos públicos ajudou a diminuir o nível de risco no mercado de juros futuros e em outros, como de real e bolsa. Costa destacou que esse movimento também refletiu menor percepção de risco global. Como não houve escalada de tensões no Oriente Médio durante o fim de semana, o mercado reduziu em parte a sua cautela com ativos considerados mais arriscados, como os brasileiros.

CONEXÃO DIGITAL

A famosa intervenção do Tesouro no mercado de títulos públicos